The image features an abstract composition of layered, wavy paper. The colors range from a deep, vibrant teal at the bottom to a pale, almost white light blue at the top. The layers are irregular and overlap, creating a sense of depth and movement. The texture of the paper appears slightly grainy. In the bottom left corner, the text 'SIMÕES DE ASSIS' is printed in a clean, white, sans-serif font.

SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Julia Kater

quase um
almost one

06 novembro a 18 dezembro 2021
november 06 to december 18 2021

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada.
Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment.
Schedule your visit by website or phone.

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil

info@simoesdeassis.com
+55 11 3063-3394



Diante dos trabalhos de Julia Kater, temos a sensação de que ela parece vagar sozinha, com sua câmera, entre as paisagens, olhando lentamente para a textura da natureza diante de seus olhos. Neste caminho do vagar é que ela encontra os grãos de saturação para suas imagens, nos quais a cor, o som e o movimento são fixados a partir do clique fotográfico, transformando-se em silêncio e em um fluxo atemporal e acalmado. Na série fotográfica *Quase um*, reunida na mostra individual da artista, ela se coloca em um limiar imaginário existente entre o mar e o céu. Algumas das fotografias partem de uma ideia de contínuo, que nos confunde enquanto espectadores, e, em outros casos, há uma baixa linha do horizonte, que se estende e divide nosso campo de visão. Nestes trabalhos, parece existir uma certa vontade de mar que é interrompida pela imensidão do céu.

Esta vontade de mar relaciona-se ao desejo de habitar um “espaço liso por excelência”¹, ocupado mais por acontecimentos do que por coisas formadas e já percebidas. Neste espaço “liso” não há distinção entre fios nem tampouco entrecruzamentos; há apenas um emaranhado de fibras, que servem como palco e plataforma para a causalidade. Neste desejo, recusa-se aquela paisagem já formada, o espaço estriado, e aponta-se para uma tentativa de construção de uma outra paisagem e de uma outra experiência diante dela.

Ao nos debruçarmos mais atentamente nestas fotografias, percebemos que, além desta linha que se estende horizontalmente, há uma série de cortes feitos em toda sua composição. A fotografia sai do plano, e constrói-se a partir de camadas, que carregam, em si mesmas, os gestos conduzidos pelo corpo da artista. Esta marca de precisa gestualidade nos apresenta uma longa empreitada de pesquisa sobre a paisagem retratada. Kater nos convida a ultrapassarmos uma certa objetividade convencional da fotografia, e sua visão, que constantemente escaneia, disseca e remonta o objeto visível, aponta para a certa invisibilidade que existe no cerne das coisas. Kater não procura duplicar ou replicar pelo corte e pela montagem: ela nos apresenta a singularidade do fenômeno visível.

Quase um é uma metáfora para o modo pelo qual percebemos o mundo. Captamos e decodificamos, continuamente, a partir da luz incidente em nossas retinas, as imagens dos diversos fragmentos espaciais e objetos que nos circundam. Eles tornam-se paisagem a partir do momento em que os entendemos como partes de um todo. Olhar duas vezes para um mesmo lugar é modificar a paisagem. A paisagem não existe sem nossa presença e sem uma unidade temporária que nós mesmos damos a ela.

Nas operações de corte e montagem, realizadas pelo nosso olhar e escancaradas pelas fotografias da artista, revelam-se as *cascas do todo paisagem* que nos cerca. Estas cascas nos convidam a olhar para *dentro*, e não *através* de suas camadas. Neste movimento para dentro é que chegamos às fissuras entre o mundo concreto e o espaço por nós percebido, onde existem e ressoam imaginários profundamente sentidos e, em alguns casos, pouco falados. Em *Quase um*, Julia Kater nos convida a olhar para as cascas da imagem, nas quais acessamos tanto a memória do instante capturado pela fotografia quanto da performance da própria artista que recorta e remonta sua superfície. Este olhar desestabiliza a certeza de nossas representações de mundo e nos leva a habitar um espaço em que tudo é possível, inclusive vir a ser mar.

¹ Deleuze, G., Guattari, F. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1997.



When facing Julia Kater's works, we have the feeling that she seems to wander alone, with her camera, along the landscapes, slowly gazing at the texture of nature before her eyes. It is throughout this wandering path that she finds the grains of saturation for her images, in which color, sound and movement are fixed from the photographic click, transforming themselves into a kind of silence and into a timeless and calm movement. In the photographic series *Almost one*, gathered in the artist's solo show, she stands on an imaginary threshold between the sea and the sky. Some of the photographs depart from an idea of a continuum, which confuses us as spectators, and, in other cases, there is a low horizon line, which extends and divides our field of vision. In these works, there seems to be a certain desire for the sea that is interrupted by the immensity of the sky.

This desire for the sea is related to the desire to inhabit a "flat space par excellence"¹, occupied more by events than by things formed and already perceived. In this "smooth" space there is no distinction between strands nor intersections; there is only a tangle of fibers, which serve as a stage and platform for causality. In this desire, there is a kind of refusal of that already formed landscape, of the striated space, and this points to an attempt to build another landscape and another experience in front of it.

As we look closely at these photographs, we notice that, in addition to this line that extends horizontally, there are a series of cuts made throughout its composition. The photograph comes out of the plane, and is built from layers, which carry, in themselves, the organic gestures conducted by the artist's body. This gestural evidence is extremely precise and presents us with a long research project on the portrayed landscape. Kater invites us to go beyond a certain conventional objectivity of photography, and her perception, which constantly scans, dissects and reassembles the visible object, points to a certain invisibility that exists at the heart of things. The artist does not seek to duplicate and replicate, but, through the gesture of cutting and assembling, she presents and preserves the singularity of the visible phenomenon.

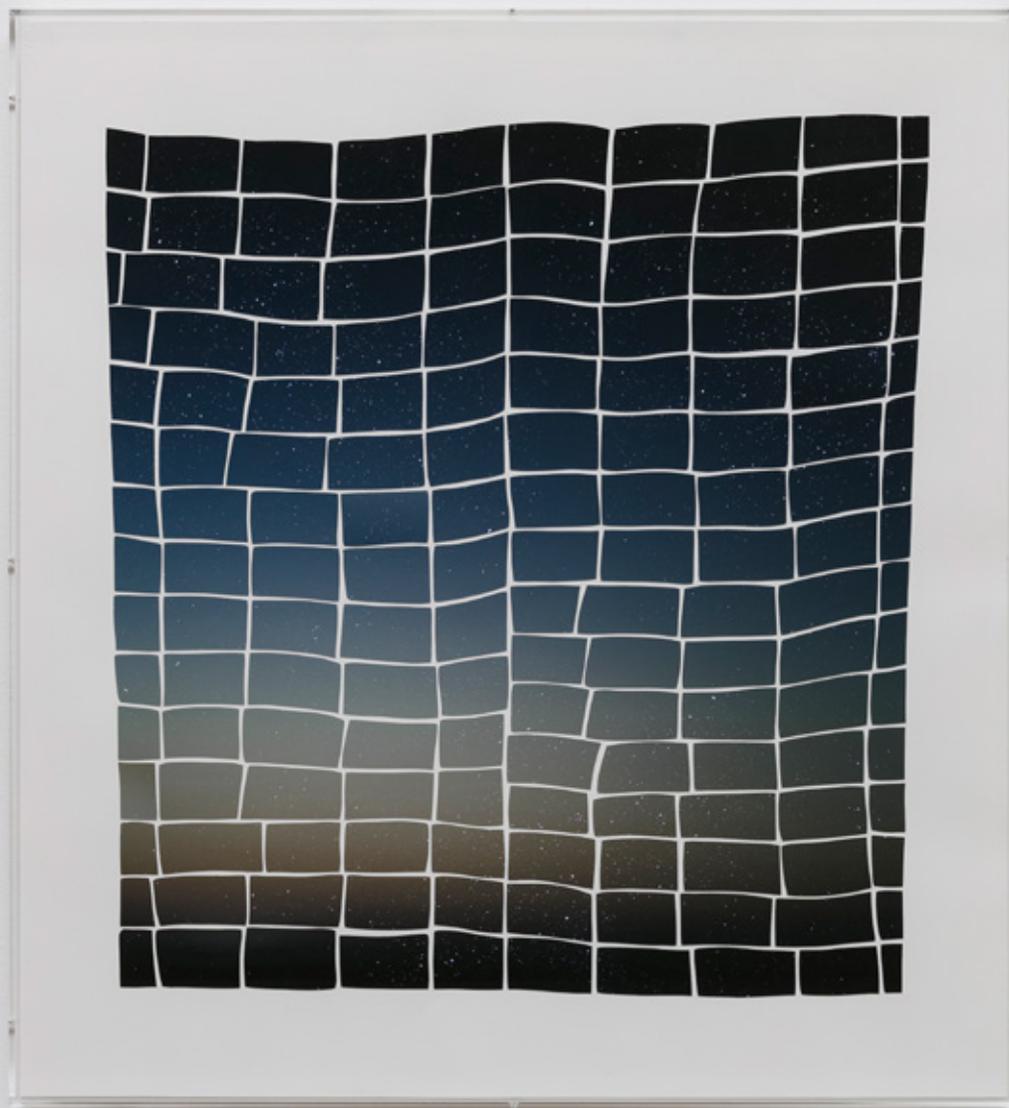
Almost One is a metaphor for how we perceive the world. We continuously capture and decode, from the light incident on our retinas, the images of the various spatial fragments and objects that surround us. They become landscape from the moment we understand them as parts of a whole. To look twice at the same place is to change the landscape. The landscape does not exist without our presence and without a temporary unity that we ourselves give to it.

In the cutting and editing operations, carried out by our gaze and opened wide by the artist's photographs, the *shells* of the *whole surrounding* landscape are revealed. These shells invite us to look within, not through their layers. And, in this movement of the gaze, we reach the fissures between the natural world and the spaces we occupy, in which imaginaries that *are often unspoken, but deeply felt, resonate*. In *Almost One*, Julia Kater invites us to look at the shells of the image, in which we can access both the memory of the moment captured by photography and the performance of the artist herself who cuts and reassembles its surface. This look destabilizes the certainty of our representations of the world and leads us to inhabit a space where everything is possible, including *becoming the sea*.

¹ Deleuze, G., Guattari, F. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1997.



Sem Título, 2021
colagem de fotografia sobre papel
67 x 54 cm, ed. 1/3
photography collage on paper
26 ½ x 21 ⅝ in



Sem Título, 2021
colagem de fotografia sobre papel
60 x 56 cm, ed. 1/3
photography collage on paper
23 5/8 x 22 in





Sem Título, 2021
colagem de fotografia sobre papel
56 x 76 cm, ed. 1/3
photography collage on paper
22 1/4 x 30 in





Quase um (I), 2021

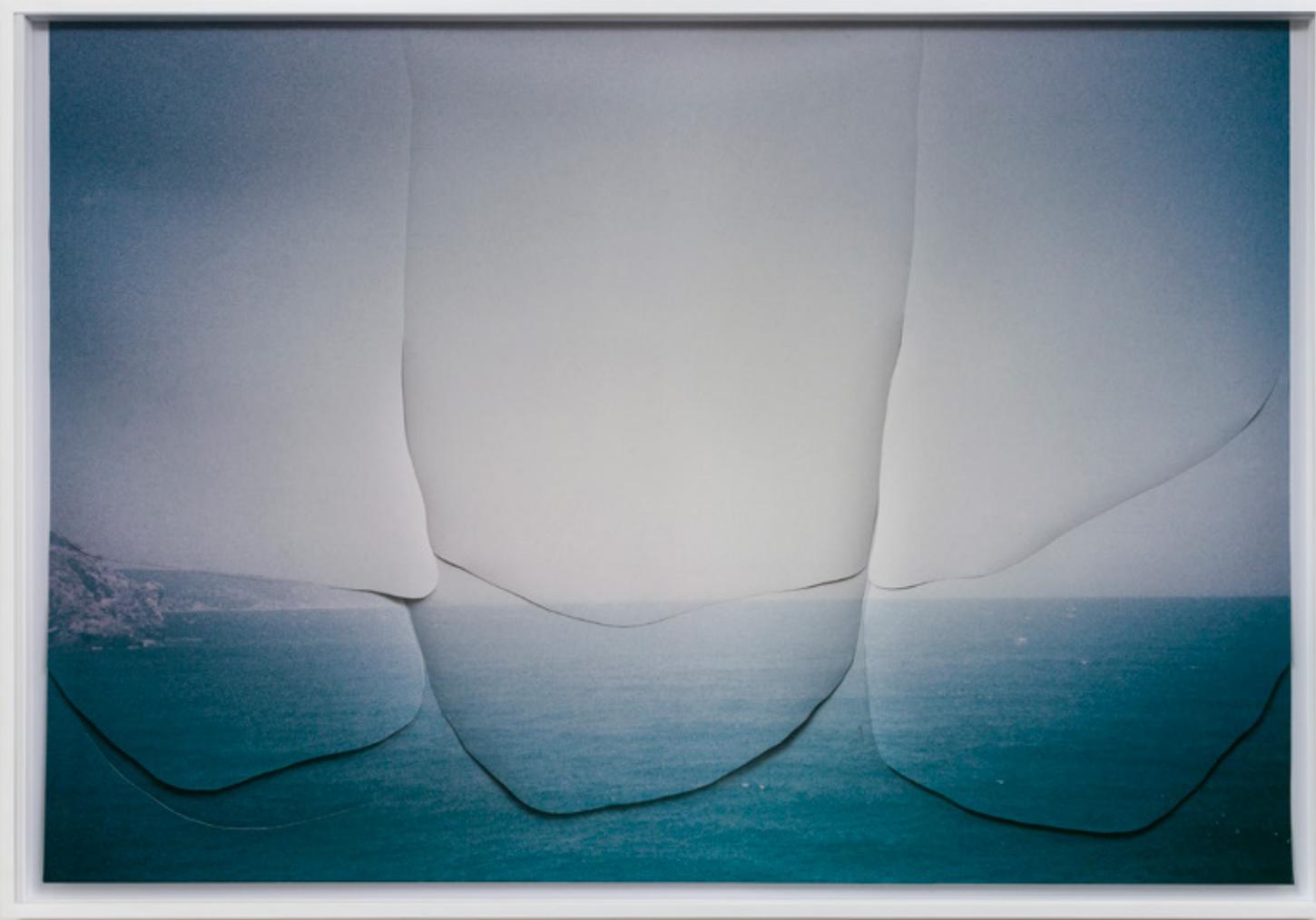
recorte de fotografia impressa sobre papel

147 x 246 x 5 cm, ed. 1/3

photography cut printed on cotton paper

57 ⁷/₈ x 96 ⁶/₈ x 2 ²/₈ in





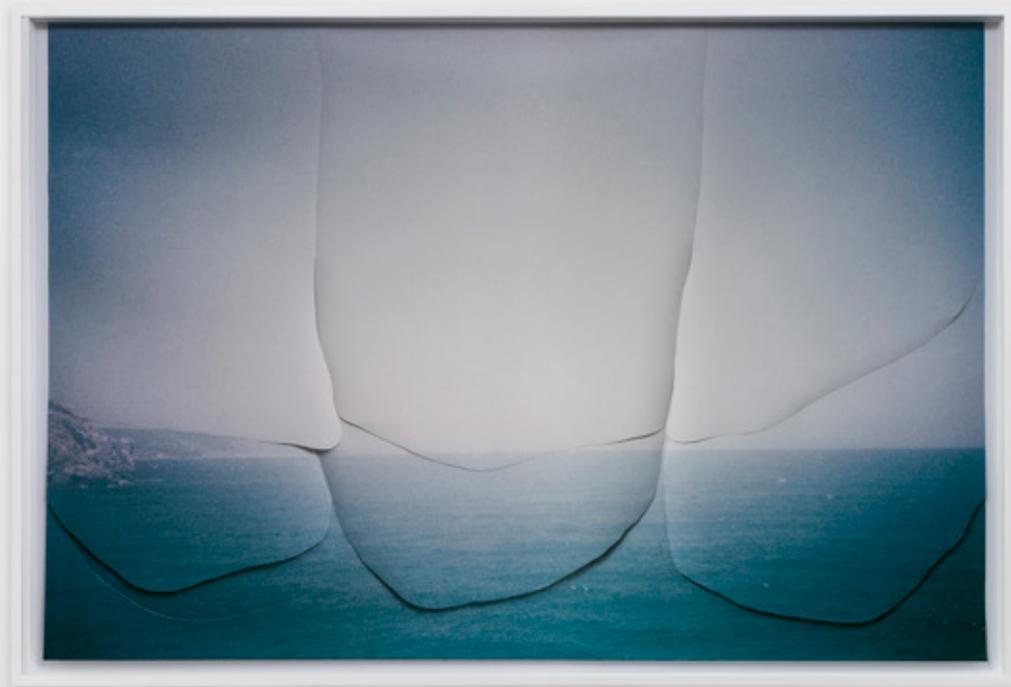
Quase um (II), 2021

recorte de fotografia impressa sobre papel

147 x 214 x 5 cm, ed. 1/3

photography cut printed on cotton paper

55 1/8 x 84 1/4 x 2 3/8 in









Quase um (III), 2021

recorte de fotografia impressa sobre papel

147 x 223 x 5 cm, ed. 1/3

photography cut printed on cotton paper

57 ⁶/₈ x 87 ⁶/₈ x 2 ²/₈ in



Quase um (IV), 2021

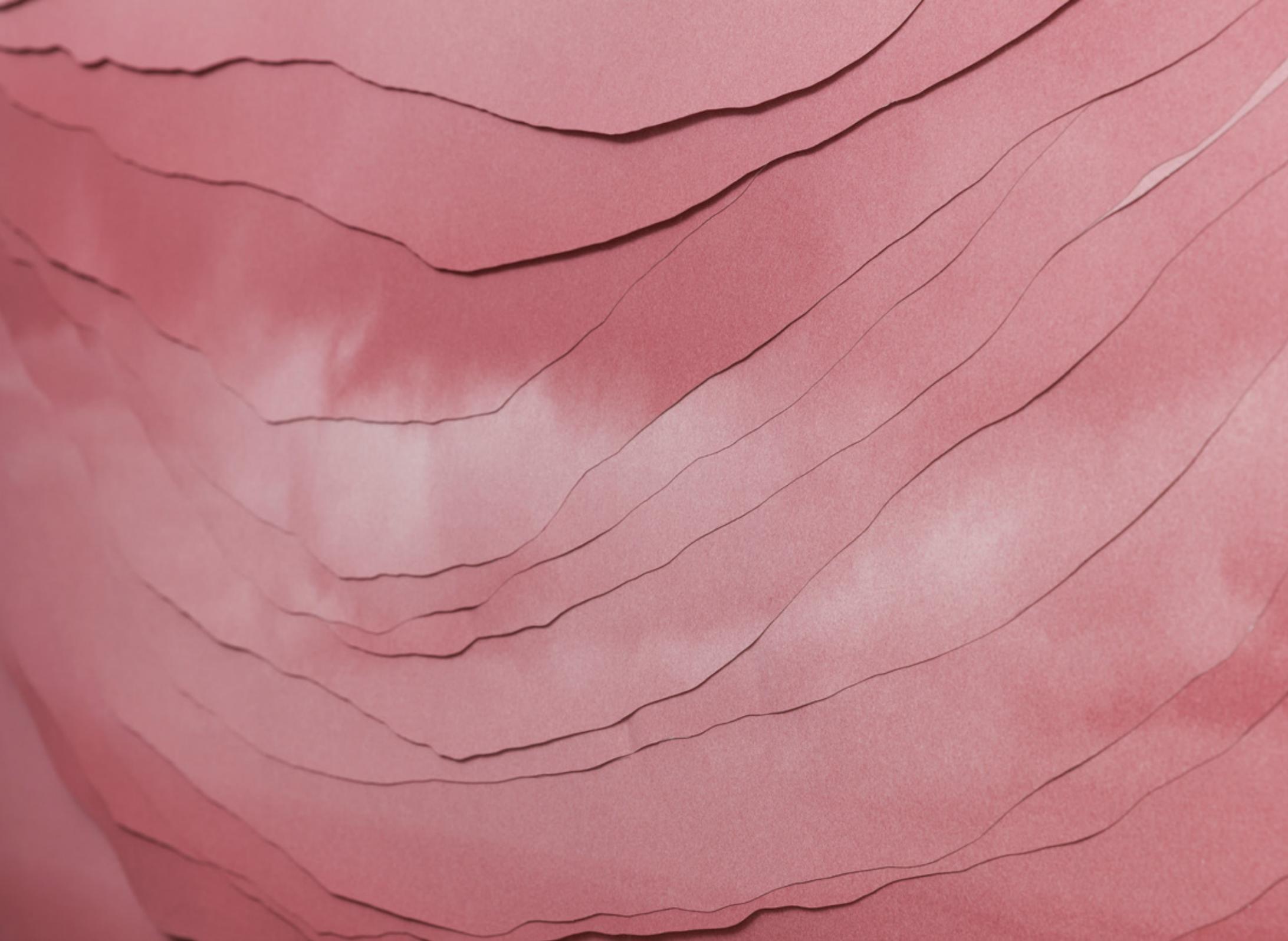
recorte de fotografia impressa sobre papel

147 x 241 x 5 cm, ed. 1/3

photography cut printed on cotton paper

57 ⁷/₈ x 94 ⁷/₈ x 1 ⁵/₈ in







Julia Kater (Paris, França, 1980) é graduada em Pedagogia pela PUC/ SP e pós-graduada em Psicomotricidade pela ISPEGAE, OIPR Paris/França, além de possuir formação em Fotografia pela ESPM/SP. A artista elabora seu trabalho, orientando-se por um eixo temático: a improbabilidade visual. A partir da fotografia, captura momentos fugidios, flagra acontecimentos efêmeros, revelando detalhes que normalmente passariam despercebidos, por serem modestos ou absolutamente banais.

No entanto, a artista não se encaixa na esteira da fotografia clássica. Um dos procedimentos mais recorrentes de sua produção é a sobreposição de camadas em um mesmo trabalho, criando interferências manuais através da ação de cortes e colagens que influenciam no sentido e na imagem, alterando a representação ou desviando as leituras imediatas. Os recortes, assim, são fundamentais para Kater: são enquadramento e interferência; mesmo irregulares, são pensados de maneira cirúrgica, sugerindo novas narrativas. As muitas camadas de sua produção – físicas e alegóricas – se desdobram delicadamente com volume e tridimensionalidade, e as linhas resultantes da sobreposição remetem, por exemplo, às silhuetas de montanhas ou ao contorno do corpo humano.

A pesquisa da artista parte da contemplação de algo maior que a escala humana: da natureza e de sua imensidão; e, ao mesmo tempo, do vazio proporcionado pela passagem do tempo. Com essa dimensão em mente, Kater também lança mão de outros suportes que não a fotografia ampliada, produzindo instalações e objetos por meio dos quais elabora pensamentos e desdobramentos de questões como memória, imaginário coletivo e apagamento – a causa da perda gradual de grande parte das verdades. Esses temas são recorrentes em suas articulações audiovisuais, nas quais o som torna-se uma camada adicional de informação.

A artista recebeu, em 2011, o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, São Paulo. Já em 2012, participou também da Art Residency, Carpe Diem Arte e Pesquisa, em Lisboa. Suas principais exposições individuais incluem: Breu, Museu Oscar Niemeyer (2018); Zonas de Gatilho, SIM Galeria (São Paulo, 2018); Acordo, Palazzo Rossini, GAA Foundation (Veneza, 2017); Da banalidade, Instituto Tomie Ohtake (2016); Como se fosse - Ocupação Programa Caixa Cultural (2014). Participou também de importantes coletivas e festivais, como: Mutatio, Garage Amelot, (Paris, 2019); Anthology Film Archives (Nova York, 2018); Rencontres Internacionales Paris/ Berlin - New Cinema and Contemporary Art (2017); Ao amor do público I, Museu de Arte do Rio – MAR (2016); Bienal de Assunção (Asunción, 2015), Frestas - Trienal de Artes, Sesc Sorocaba (2014). Sua obra faz parte de coleções como: Museu de Arte do Rio - MAR; Museu Oscar Niemeyer - MON; Fundación Luis Seoane (La Corunha); Foundation PLMJ (Lisboa) e Museu de Arte de Ribeirão Preto - MARP.

Julia Kater (Paris, France, 1980) has a degree in Pedagogy from PUC/ SP and a post-graduate degree in Psychomotricity from ISPEGAE, OIPR Paris/France, as well as a degree in Photography from ESPM/SP. The artist elaborates her work guided by a central theme: visual improbability. Through photography, she captures fleeting moments, ephemeral events, revealing details that would normally go unnoticed because they are modest or absolutely banal.

However, the artist does not fit into the wake of classical photography. One of the most recurrent procedures of her production is the superposition of layers in the same work, creating manual interferences through the action of cuts and collages that influence the meaning and the image, altering the representation or deviating the immediate readings. The cuts are fundamental to Kater: they are framing and interference; even if irregular, they are surgically thought, suggesting new narratives. The many layers of her production - physical and allegorical - delicately unfold with volume and three-dimensionality, and the lines resulting from the superposition refer, for example, to the silhouettes of mountains or the outline of the human body.

The artist's research starts from the contemplation of something larger than the human scale: from nature and its immensity; and, at the same time, from the emptiness provided by the passage of time. With this dimension in mind, Kater also makes use of supports other than the enlarged photograph, producing installations and objects through which she elaborates thoughts and unfolds issues such as memory, collective imaginary, and erasure - the cause of the gradual loss of most truths. These themes are recurrent in her audiovisual articulations, in which sound becomes an additional layer of information.

The artist received in 2011 the award "Funarte de Arte Contemporânea", São Paulo. Already in 2012, she also participated in the Art Residency, Carpe Diem Arte e Pesquisa, in Lisbon. Her main solo exhibitions include: "Breu" (Pitch), Oscar Niemeyer Museum (2018); "Zonas de Gatilho" (Trigger Zones), SIM Gallery (São Paulo, 2018); "Acordo" (Accord), Palazzo Rossini, GAA Foundation (Venice, 2017); Da Banalidade (From Banality) , Tomie Ohtake Institute (2016); Como se fosse - Ocupação Programa Caixa Cultural (2014). She has also participated in important group shows and festivals, such as: Mutatio, Garage Amelot, (Paris, 2019); Anthology Film Archives (New York, 2018); Rencontres Internacionales Paris/ Berlin - New Cinema and Contemporary Art (2017); Ao amor do público I, Museu de Arte do Rio - MAR (2016); Bienal de Asunción (Asunción, 2015), Frestas - Trienal de Artes, Sesc Sorocaba (2014). Her work is part of collections such as: Museu de Arte do Rio - MAR; Museu Oscar Niemeyer - MON; Fundación Luis Seoane (La Corunha); Foundation PLMJ (Lisbon) and Museu de Arte de Ribeirão Preto - MARP.



SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232 2315